

EDUCAR PARA A BIOÉTICA

Giovanni Russo

Bioética, segundo definição do próprio autor, é a ciência sistemática do ser humano ético que indaga os âmbitos transformadores do mundo biológico. Ou seja, é indagar, de forma científica, as transformações ecológicas, biológicas e científicas pelas quais o mundo passa e para as quais devemos nos adaptar.

A finalidade deste livro é levar a bioética para a escola, para a pastoral catequética e para a formação dos jovens em geral ajudando, assim, na compreensão do ser humano e suas características pessoais.

O autor, sob a lente da bioética, analisa a sexualidade e a procriação; as tecnologias de reprodução e genética, a educação sexual e os problemas da juventude, visando uma melhor integração do homem com o universo e com as descobertas médico-científicas e melhor qualidade de vida para todos.

A bioética é uma indagação científica da função educativa da Igreja em relação à situação e ao futuro da qualidade de vida do ser humano no cosmo. Sua proposta é formar o indivíduo, sobretudo o jovem, para a promoção da qualidade de vida, segundo o ensinamento que a Igreja sempre transmitiu aos fiéis. Afinal, o futuro da vida no planeta, além de passar pelo homem que preserva o ecossistema, passa, antes de tudo, pelo homem educado, virtuoso, cristão: um homem que não reza pela cartilha do poder e do ter, e que vive a sexualidade de forma virtuosa, isto é, de íntima comunhão com Deus no amor, na fé, na esperança e na caridade.

Giovanni Russo, PhD e STD, é docente em bioética na Pontifícia Universidade Salesiana de Messina, Itália. Especializou-se em bioética e em bioengenharia nos Estados Unidos.

O livro foi publicado pela Editora VOZES

A RESSURREIÇÃO DE JESUS (TENTATIVAS DE APROXIMAÇÃO SISTEMÁTICA)

Pe. Osmar Cavaca

A pergunta pela ressurreição de Jesus é eminentemente antropológica. Buscar pelo seu sentido revela a necessidade transcendental de todo homem de expressar sua esperança inalienável na própria ressurreição¹. Não se trata, então, de uma pergunta qualquer, mas de uma procura inegociável que averigua se essa esperança transcendental humana já se realizou em alguém, ou se ela ainda se constitui num estado puro e simples de esperança utópica.

1. A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Um fato só pode ser assimilado a partir de determinadas categorias de compreensão. Principalmente em se tratando de um acontecimento como este da ressurreição. No tocante a ela, a partir das Escrituras, podemos caracterizar três motivos e coordenadas de compreensão presentes, de forma singular e sugestiva na consciência judaica do tempo, e por isso também dos discípulos. São eles: uma crescente idéia do Deus que, em sua Aliança, é um Deus dos vivos; os hori-

zontes abertos de uma apocalíptica judaica cristã, na expectativa da ressurreição dos mortos no fim dos tempos (Dn 12,2; Is 24-27); e, finalmente, a apresentação que Jesus faz de si mesmo como critério absoluto de salvação/perdição para todos².

A experiência que os primeiros cristãos fazem da ressurreição de Jesus não se dá nos parâmetros de uma volta à vida biológica, como os casos do filho da viúva, da filha de Jairo, de Lázaro, acontecimentos que Tomás de Aquino chama de "ressurreição imperfeita"³. Antes, a experiência acontece como um encontro com o mesmo Jesus em sua identidade, mas total e plenamente transfigurado e realizado em suas potencialidades humanas e divinas⁴. Assim, a ressurreição não pode ser entendida como o começo de um novo período da vida de Cristo, ou como sua continuidade na ordem do tempo. Ela está agora num "tempo novo", que se entende como tempo de definitividade permanente e de salvação.

¹ Karl RAHNER. *Curso fundamental da fé*, 318.

² Hans Urs VON BALTHASAR. *A volta para o Pai*, in *Mysterium Salutis III/6: O Evento Cristo; Mysterium Paschale*, 132.

³ *S.Th.* III, 53, 3.

⁴ Leonardo BOFF. *Jesus Cristo Libertador*, 90.

A ressurreição não significa uma transformação de Jesus no Espírito; ela não faz desaparecer sua corporeidade. Os textos joânicos da promessa do envio do Paráclito (Jo 16,7.22; 14,2, etc...) não permitem chegar a essa conclusão. Ao contrário, se a ressurreição constitui a restauração da total existência de Jesus em sua plenitude, então ela supõe uma libertação total de sua corporeidade humana, de todo condicionamento espaço-temporal, de todos os defeitos inerentes ao que é material e histórico; ela torna-se "pneumática" (2Cor 3,17).

Ainda que inerente à condição humana, graças à apropriação que dela nos fez Jesus Cristo (1Cor 15,20), não podemos reduzir a ressurreição a uma simples questão de imortalidade, de garantia de permanência da existência, ou de plenificação neutra de todas as potencialidades humanas. Seu caráter é eminentemente soteriológico. Ou seja, o ser do ressuscitado se torna plena e totalmente assumido e salvo por Deus. A "ressurreição gloriosa" e a "exaltação" a que nos referimos na ressurreição de Jesus (Fl 2,9), ou a salvação que Deus oferece, com a ressurreição, aos homens, em sentido pleno significa a "perfeita fruição de Deus"⁵ na condição nova do ressuscitado.

⁵ TOMÁS DE AQUINO, S.Th. III, 53, 3, ad. 3.

⁶ Citado em Hans Urs VON BALTHASAR. *Op. cit.*, 132.

Nosso conhecimento de Deus se faz como que "às apalpadelas" (cf. At 17,27b), a partir de sua ação revelacional em nossa história. É daí que o "conhecemos"; é daí que podemos teologizar. Então, entendemos que não se pressupõe um conhecimento de Deus para daí entender a ressurreição. Ao contrário, é a partir da ressurreição de Jesus, como resposta de Deus ao pecado e a toda produção de morte, que se pergunta e se vai ao Deus da revelação. A morte e a ressurreição de Jesus, então, constituem o ponto culminante de toda uma história de revelação, um referencial obrigatório, consciente ou não, para todos aqueles que se perguntam por Deus e por Seu mistério.

Historicidade

Na pergunta pela historicidade da ressurreição, Hans Urs von Balthasar afirma que a alternativa entre "história" e "não-história" é perigosa. Por isso, prefere assumir, com Karl Barth, que a ressurreição é "um acontecimento intracosmicamente real... porque ela aconteceu dentro do tempo, como uma história particular no seio da História humana geral"⁶. A ressurreição assim concebida tem uma "margem histórica", que revela centelhas do acontecimento "meta-histórico" que ela representa. Quer dizer, a ressurreição é

ação do Deus supra-histórico, que faz com que Seu Filho vivo se revele supra-historicamente pela História adentro⁷.

Fica difícil a compreensão de tais afirmações com os referenciais que normalmente caracterizam nossa concepção de história. Por isso, uma hermenêutica libertadora da ressurreição de Jesus apresenta críticas à visão positivista histórica - com sua pretensa objetividade racional e analógica - suspeitas à visão existencialista histórica - que se apressa em radicalizar dimensões de um futuro atemporal - e questionamentos a uma concepção da história como totalidade - que se arrisca ao esquecimento da particularidade e singularidade da cruz dos que sofrem⁸. A partir de tais perspectivas é evidente que não dá para dizer que a ressurreição de Jesus seja acontecimento histórico. Por isso, é fundamental um alargamento da visão da história na perspectiva do próprio homem, que é ser de mistério.

Tal alargamento se encontra numa compreensão da história em íntima relação com a escatologia. Para Juan Luis Segundo, escatologia se compreende como história "realizada", em seu valor permanente. Nesse sentido, a experiência da ressurreição é um acontecimento simultaneamente escatológico e histórico no sentido mais pleno da palavra. Ou seja, a experiência que

os discípulos tiveram trouxe-os, por um instante, a um nível de história que escapa ao homem. As narrações sobre as aparições de Jesus não são históricas, no sentido moderno de história, mas apontam para um acontecimento mais que histórico, para uma verdade sobre a história, uma verdade meta-histórica. Por isso, depende da fé. Pertence ao plano escatológico, no qual se julga e verifica o sentido da história.

Mas, o real sentido de "escatológico" se entende mesmo a partir de sua verificação, que não se faz empiricamente. Toda estrutura de valores se fundamenta na credibilidade em uma certa promessa de vitória final, que deve ser ensaiada no hoje pela práxis comprometida. Nesse sentido é possível compreender a categoria de "historicidade" que Sobrino atribui à ressurreição de Jesus, como fundamentada na promessa e na práxis.

A experiência do homem de abertura transcendental marca-o como um ser de esperança. Tal dimensão, essencialmente antropológica, se ilumina na luz da revelação bíblica, que apresenta sobretudo um Deus da esperança, porque Deus da Promessa. No horizonte futuro e utópico do homem bíblico desponta a aurora de esperança fundamentada na Promessa. Captar o futuro como promessa é entender a ressurreição a partir de uma

⁷ *IBIDEM*, p. 132.

⁸ Vitor Galdino FELLER. *O Deus da revelação*, p. 224.

historicidade singular e como realização da promessa definitiva de Deus. Por ser assim, "a ressurreição de Cristo é promessa até em sua própria estrutura histórica. A ressurreição não pode ser captada prescindindo do significado de uma concepção da história, pois não é uma possibilidade no mundo e na história, mas para o mundo e para a história". E assim, além de deixar o mistério continuar mistério, a crença nessa "historicidade" da ressurreição é ato de fé na graça que faz triunfar a justiça e a vida.

As aparições do ressuscitado são sempre um convite aos discípulos para que saiam de si mesmos e partam em missão, que se concretiza em duas atitudes: o serviço da pregação de Jesus como ressuscitado e o serviço ao conteúdo da ressurreição, isto é, o serviço da nova criação, o serviço da vida. A missão de anunciar o ressuscitado desencadeia o serviço à concretização dos valores escatológicos da justiça e da paz.

Nesse sentido, o caráter de dialética entre história e escatologia com que se reveste a ressurreição faz com que sua verificabilidade não seja captável apenas no fim, mas na vivência presente e atual do amor, da fraternidade, da solidariedade, da justiça... Portanto, a verdade da ressurreição se verifica na práxis transformadora. Também o simétrico é verdadeiro: a ressurreição é a confirmação da vida e da práxis de Jesus. Do que se conclui que o fato histórico-escatológico da

ressurreição é essencialmente um fato objetivo mas que somente pode ser manifestado pela revelação divina em sentido estrito (At 9,3; 22,6; 26,13.19).

Mas, não poderíamos entender honestamente a perspectiva "histórico-escatológica" sem a consideração de Dn 12,2, que considera que o despertar para a vida eterna fora prometido somente aos justos; aos injustos, o despertar "para o opróbrio, para o horror eterno". Na verdade, é mais a "sede de justiça" que caracteriza a esperança profética que propriamente a ansiedade pela vida eterna. Então, numa leitura vétero-testamentária, os discípulos também concluem que a ressurreição de Jesus é uma sentença de condenação a todo sistema pecaminoso, injusto e opressor. E o duplo evento de sua entrega na morte e de sua ressurreição se torna a epifania da justiça messiânica de Deus (cf. Rm 4,25).

Encarnação, cruz e ressurreição

Ao ressuscitar Seu Filho de entre os mortos, o Pai não minimiza sua encarnação. Ao contrário, esta encontra na ressurreição seu coroamento. Isso significa que os compromissos assumidos por Deus na encarnação de seu Filho são, com a ressurreição, revelados e realizados em plenitude.

A tradição cristológica latina buscou a compreensão do evento Jesus Cristo a partir especialmente de sua

morte redentora na cruz, enquanto que a oriental, a partir de sua encarnação. Para sermos coerentes com a linha de pensamento que aqui estamos desenvolvendo, particularmente na perspectiva dialética histórico-escatológica da ressurreição, a real importância soteriológica do evento Jesus deverá ser buscada na consideração simultânea desses três aspectos: encarnação, morte e ressurreição de Cristo, isto é, no conjunto de toda sua vida histórica, na perspectiva escatológica de sua ressurreição. A pessoa do ressuscitado que os discípulos encontram é essencialmente reconhecível para eles, graças à sua identidade com aquele Jesus com quem eles viveram, e que fora Crucificado. Se essa unidade for abandonada, desmorona-se a fé cristã em si mesma. É ela que dá clareza e significação aos discípulos em seus encontros com o ressuscitado.

A ressurreição de Jesus revelou que Deus considerara sua vida e que não o abandonara na cruz. Então se mostrou que sua vida, sua prática e pregação eram verdadeiras, e que sua encarnação fora um gesto abençoado. A ressurreição é a realização do anúncio de Jesus de total libertação, especialmente do domínio da morte. Com a ressurreição, ficamos sabendo que a vida e o sem-sentido da morte de Jesus têm um sentido certo.

Iluminando-se mutuamente, vida-cruz e ressurreição de Jesus apontam, paradoxalmente, para um caminho de serviço, de rebaixamento, de esvaziamento, de encarnação na realidade histórica das pessoas, na fidelidade histórica desconhecida e massacrada dos pobres... Uma se faz através da outra. Tal consciência, além de evitar atitudes e conceitos triunfalistas e autoritários, proíbe pensar que é possível chegar a um final sem processo, a uma ressurreição sem cruz, a um senhorio sem serviço, a uma transcendência sem história...⁹

Vida-morte e ressurreição de Jesus não são acontecimentos da mesma categoria, que possam ser nomeados um depois do outro. Antes, constituem uma unidade, ao mesmo tempo que estabelecem um contraste extremamente radical: a vida-morte de Cristo é um fato histórico; sua ressurreição é um fato histórico-escatológico. A vida, a cruz, a morte... são coisas de um tempo presente de empenho, de luta, de miséria, violência e pecado. A ressurreição é dado do tempo futuro da nova criação em justiça. Colocar as duas realidades no mesmo plano histórico é descaracterizar a ambas. Reduzir a ressurreição à dimensão pura e simplesmente histórica é desconsiderar a nova criação que com ela começa, bem como não saber bem o que fazer da esperança escatológica.

⁹ FELLER Vitor Galdino, *Op. cit.*, 227.

Por outro lado, tirar a morte de cruz da história é desconsiderar os reais e cruentos mecanismos geradores da morte de Jesus e de todo homem...

O evento singular da vida, da cruz e da morte de Jesus certamente tem caráter universal: é caminho de salvação para todos os homens, à medida que assumem viver e morrer como ele, numa doação permanente de si mesmos. Da mesma forma, a ressurreição também tem caráter de universalidade e de totalidade, desde que experimentada e vivenciada na ótica concreta do Crucificado que ressuscitou: a ótica particular e singular dos sofrimentos e das tantas mortes de homens e mulheres explorados e excluídos dos destinos de vida do mundo egoísta do pecado.

Mas, o esvaziamento da encarnação, como desapego do "ser igual a Deus" e a aceitação da "condição de servo" (Fl 2), com todas as suas consequências, não significam uma auto-alienação de Jesus da vida trinitária de Deus. Ao contrário, a vida a serviço, a crucificação e a ressurreição de Jesus constituem a revelação maior do mistério trinitário. Testemunham que a Palavra do Pai se realizou plenamente e que se consumou até o extremo a aliança entre Deus e o homem. Além disso, revelam também o Espírito Santo. Em São João

(20,22), já na tarde da Páscoa, o ressuscitado sopra o Espírito na Igreja. Em São Paulo, o evento da ressurreição de Jesus e o envio do *Pneuma* são vistos na mais estreita relação. O Pai ressuscita o Filho por intermédio de seu Espírito (Rm 8,11). Aliás, para ele, a ação do Espírito Santo na Igreja constitui a verdadeira prova da ressurreição de Cristo¹⁰. Então se constata que a ressurreição de Jesus faz desenrolar todo um processo, que respondendo à esperança utópica mais fundamental de cada ser humano, passa pela emergência da comunidade de fé no Senhor ressuscitado, chegando até à elaboração de uma teologia especificamente cristã: "vale dizer, a teologia trinitária enquanto desenvolvimento dá fé no Deus uno, à luz do acontecimento revelador central que se verificou na ressurreição de Jesus de entre os mortos"¹¹.

Testemunho apostólico

Se Jesus não tivesse ressuscitado, nossa fé seria uma ilusão, e seríamos "os mais dignos de pena de todos os homens" (1Cor 15,14-19). Se não fosse assim, a Igreja seria uma mentira, e todos teríamos o sentimento de ainda não ter visto concretizada nossa esperança humana fundamental, de estar cultivando utopismos... Porém, se ele ressuscitou, então, "em Cristo

todos somos vivificados" (1Cor 15,20,22), e nossa esperança tem sentido. Aqui está o núcleo da fé da Igreja que somos. Sem a fé na ressurreição de Jesus ela não se sustenta.

Mas, sendo a ressurreição um fato que escapa aos critérios históricos comuns de verificabilidade, dizemos que sua única possibilidade de atestação categorial está no testemunho apostólico, e que, por isso, só na fé ela se torna "apreensível".

Mas, conforme o critério da fé, não podemos fazer desse testemunho um juízo tão somente profano, frio, apenas baseado em sua fidedignidade, estando nós mesmos fora dessa experiência. Ao contrário, acolher o testemunho apostólico significa reconhecer que estamos, também nós, inseridos na mesma esperança transcendental, ao mesmo tempo que iluminados por uma experiência interior do Espírito. Assim, a fé na ressurreição constitui então momento interno da própria ressurreição, e não tomada de conhecimento racional de um fato. Quer dizer, é na fé dos discípulos que se deve buscar "compreender" a ressurreição de Jesus, pois é aí que ela se mostra.

É desse testemunho que a Igreja nasce. Por isso, se Jesus possui um significado determinante para nós porque ressuscitou, o testemunho apostólico da Igreja, no qual também nós nos inserimos por obra do Espírito, constitui o ambiente permanentizado dessa experiência de ressurreição. E a

vida cristã se entende como um permanente processo que faz com que o ser humano vá crescendo sempre mais na perspectiva transformadora da ressurreição. Ou seja, a ressurreição de Jesus estabelece novos paradigmas e critérios hominizantes; brota da fé na ressurreição um novo horizonte antropológico.

O sepulcro vazio e as aparições

Há dois dados determinantes nos relatos acerca da ressurreição de Jesus: o sepulcro vazio e as aparições aos discípulos. Inicialmente, esses dois relatos circulavam, autonomamente e sem referência mútua, entre os primeiros cristãos.

Em si mesmo, o sepulcro vazio não é considerado por nenhum evangelista como prova da ressurreição. Era, antes, um sinal ambíguo, sujeito a várias interpretações, uma das quais, eventualmente, poderia estar a da ressurreição. Somente a partir das aparições, sua ambiguidade é desfeita e pode ser lida pela fé como um sinal da ressurreição de Jesus. Então, o sepulcro vazio é um sinal exterior, um convite à fé; não ainda a própria fé.

Mas, as aparições não podem ser interpretadas a partir de uma compreensão "plástica" de reducionismo histórico; nem tampouco como visões criadas pelas forças da mente, como fatos imaginários, ou como fatos neutros... Mas, na mesma perspectiva de

¹⁰ Hans Urs VON BALTHASAR. *Op. cit.*, 146.

¹¹ K. H. RENGSTORF. in: Hans Urs VON BALTHASAR. *Op. cit.*, 147.

fé acima referida, tratam-se de reais experiências de encontros com a pessoa viva do ressuscitado¹².

Os termos referentes às aparições, verbos como “aparecer” ou “fazer-se ver”..., podem ser entendidos teologicamente como o desejo expresso de se empregar fórmulas características de revelação¹³. Isto é, a intenção é mostrar que, em Cristo, Deus revela a Si próprio e também tudo o que ainda está oculto para a capacidade do conhecimento humano.

As aparições do ressuscitado transparecem frequentemente como prenúncios, para os discípulos, de uma “despedida” de Jesus (cf. Lc 24,51; At 1,9ss), de um “desaparecimento”. No entanto, no prolongamento do Espírito, se entende que o “desaparecimento” de Jesus está em função de uma presença mais profunda e definitiva (Hb 1,3; Mt 28,20; Jo 14,18s). Então, antes de prenúncios de adeus, as aparições do ressuscitado se constituem mais como que o anúncio de uma promessa de presença permanente.

Do “ver” ao “crer”

As aparições de Cristo terminaram, e foram sendo substituídas pela proclamação de Cristo pelo Evangelho e

pelas experiências que os discípulos faziam de Cristo no Espírito. Portanto, passa-se da presença de Cristo em aparições para a presença de Cristo no Espírito, e o “ver” se transforma em “crer”¹⁴. Por isso, crer na ressurreição de Cristo não significa aceitar um fato, mas ser tomado pelo Espírito vivificador e participar, isto é, colocar-se do lado, das forças de justiça que preparam o mundo vindouro.

Moltmann diz que a cristofania das aparições tem, para os discípulos, uma estrutura própria¹⁵. Numa direção perspectiva, os discípulos viram no ressuscitado o início de uma nova criação e o prenúncio de um mundo vindouro. Numa outra direção retrospectiva, eles podem reconhecer, nas feridas de seu corpo e no partir o pão, que o ressuscitado é aquele crucificado do Gólgota. Finalmente, as aparições têm um caráter reflexivo, que permite aos cristãos fundamentarem suas vidas na oblação do crucificado que ressuscitou, e reconhecerem sua própria vocação para a missão.

Consequentemente, se o Evangelho toma agora o lugar das aparições de Cristo, ele tem que mostrar suas mesmas dimensões. Retrospectivamente, o Evangelho confirma o sentido salvífico

da morte de Jesus, por isso ele é a “palavra da cruz”. Perspectivamente, sua vivência reflete uma antecipação da parusia de Cristo na Palavra. Finalmente, em seu caráter reflexivo, ele proclama que o Cristo crucificado, que foi exaltado pelo Pai, é o caminho único de salvação para todos. Por isso, a vida cristã é uma vida a partir de Cristo morto e ressuscitado.

CONCLUINDO

Na perspectiva de responder então à pergunta inicial proposta nesta reflexão, podemos afirmar que a ressurreição de Cristo afirma não só a ação poderosa de Deus sobre a morte e o pecado, em Seu Filho, mas é também uma mensagem para o homem e para toda a criação. Ela estabelece a possibilidade de transfiguração de todas as realidades, no Cristo ressuscitado. Por isso a Igreja proclama a ressurreição de Cristo como esperança definitiva para o homem, de total libertação da esquizofrenia radical do pecado (cf. 1Cor 15,3.17; Rm 4,25; Lc 24,37; At 10,47). O que é presente atual para ele será para nós todos futuro próximo.

Por essa razão, a aceitação e a confissão de fé na ressurreição de Jesus inclui também uma mudança em

nossa vida e práxis. Se a salvação de Deus se mostrou no gesto ressuscitador daquele que deu a vida por amor, é porque Ele quer revelar que o futuro está reservado para aqueles que dispõem sua vida em favor dos demais (cf. Mt 12,31). Sem essa abertura para o outro, nega-se praticamente o sentido da salvação trazida pela ressurreição de Jesus (1Jo 3,14-18; 4,20). Por isso, a conversão ao Deus que ressuscitou o crucificado de sua perdição, requer também que se volte para os perdidos e as vítimas da História. O discurso responsável sobre a ressurreição de Jesus é, em consequência, momento de uma práxis que tenta cooperar na realização do projeto do Reino de Deus como visualização vitoriosa da bondade, do amor ilimitados de Deus como exaltação dos abatidos. Assim, nossa fé na ressurreição começa a mostrar sinais concretos por onde outros possam também começar a crer.

Este trabalho foi apresentado pelo Pe. Osmar Cavaca no dia de estudos sobre a Ressurreição, promovido pelo Departamento de Dogma da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

¹² VON BALTHASAR Hans Urs, *Op. cit.*, 144.

¹³ MOLTSMANN Jürgen, *O caminho de Jesus Cristo*; cristologia em dimensões messiânicas, 195.

¹⁴ *Ibid.*, 295.

¹⁵ *Ibid.*, p. 297.